

24-11-2023

MULHERES DA MINHA VIDA

Dália Virna

[Colmeia - Coletivo de Mulheres Emancipadas, Incansáveis e Abelhudas]

Em minha [última crônica](#) lembrei minha história com Dina.

Era um nome fictício, pois certas revelações são desnecessárias e, muitas vezes, inconvenientes, ainda mais num país profundamente machista, misógino e homofóbico. Embora tenha sido sempre assim, a música brasileira, especialmente a da velha guarda, foi pautada pelo culto às mulheres. Fosse para reverenciá-las com o amor eterno, fosse para execrá-las pelo amor não correspondido e pelo abandono, as mulheres foram o centro da memória musical brasileira. Muitas vezes seu nome não era pronunciado, por discrição ou segredo, mas outras tantas o nome da mulher estava lá estampado, inclusive no próprio título da música.

A própria Dina, não a minha, mas outra, foi cultuada por Zé Ketti - [Nega Dina](#), com Emilio Santiago. Gonzaguinha também em [Com a perna no mundo](#), cultuou a sua Dina - sua mãe adotiva. Muitas das músicas com nomes de mulheres tornaram-se clássicos, até hoje conhecidas mesmo pela turma mais jovem. [Carolina](#), de Chico Buarque, imortalizou-se mais pelo nome dela do que pelo dele. Bem antes, Luiz Gonzaga conhecia o [chêro da Carolina](#) (José Januário e Antonio Amorim). Com certeza era uma ancestral da Carolina do Chico. O nome Carolina é tão adocicado que tem outras versões: ([Jorge Benjor e Toquinho](#)) e ([Seu Jorge](#)). Aliás, isso é comum, o mesmo nome é utilizado para músicas diferentes, por compositores diferentes. O que não se sabe é se são para a mesma mulher. [Marina](#) vem atravessando os tempos. A gravação que estamos ouvindo, cantada por Dorival Caymmi, seu autor, é de 1947, acompanhada por Jacob do Bandolim, um dos maiores da história do instrumento. A doçura da música disfarça o [relacionamento abusivo](#) e a dominação machista, presente em grande parte dessas músicas. De outro modo, o registro dessas contestações não nos permite, de forma alguma, cancelar essas lindas obras. Cancelá-las seria cancelar a cultura, a poesia, a música e as próprias pessoas inseridas em suas épocas. [Irene](#) composta por Caetano Veloso para sua irmãzinha, quando ele estava preso pela ditadura militar, comprova que são várias as formas de amor às mulheres cantadas. [Madalena](#), cantada aqui por Elis Regina, foi escrita por Ronaldo Monteiro de Souza e musicada por Ivan Lins. Ronaldo fez igual a mim, mudou o nome da musa e o que ficou foi o nome fictício. [Iracema](#), morreu na contramão mas continua viva na música de Adoniran Barbosa e na voz de Clara Nunes. Helena, para seu autor Alberto Land, é tão múltipla que ela vira [Helena Helena Helena](#) e na voz de Taiguara é revelada como Maria Helena, Helena pois. Mas, a [Maria Elena](#), sem o H, era uma espécie de sua precursora. Mesmo sendo de autoria dos mexicanos Lorenzo Barcelata e Russel, a tradução de Haroldo Barbosa tornou a música brasileiríssima, gravada por inúmeros cantores ao longo de décadas. Aqui, a versão de Francisco Alves, em 1942.

[Maria Betânia](#), composta por Capiba, um pernambucano tido como dos maiores compositores de frevos da história, colocou na voz de Nelson Gonçalves toda a dramaticidade de um amor desfeito. Caetano Veloso, com quatro anos de idade, escolheu o nome de sua irmãzinha, que então nascia, por causa dessa música. Tanta Maria e por que não Maria somente? Todas as vezes que eu ouvia essa música, já adolescente, com meu avô, eu olhava para o M marcado na minha mão. Olhe para a sua e certifique o M de [Maria](#), de Ary Barroso, por Edu Lobo. E, assim, como Helena virou múltipla, Maria se duplicou com [Milton Nascimento](#)... Isso sem contar as tantas outras como [Ana Maria](#). Silvio Caldas canta uma das obras de Mario Lago, um dos maiores artistas de sua época, comunista assumido, e compositor também de [Amélia](#) (Ai que saudades...), junto com Ataulfo Alves. Roberto Carlos reiterou lindamente o machismo de tantas de suas músicas e a contradição com a ternura de tantas delas. Na Colmeia, movimento feminista do qual participo há anos, sou voz dissonante quanto à produção cultural machista de nossa sociedade. Uso-as como exemplo para a luta e não como manifesto de ódio, lacração e culpabilização da maior parte dos grandes artistas brasileiros. Essas maravilhosas músicas foram feitas por homens ... apaixonados, arrependidos, desesperados, confusos e até violentos, oprimidos por uma sociedade que trata mulheres como objetos e as violenta. Sociedade, inclusive, composta, em sua maioria, por mulheres.

[Ana Maria](#) (por quem sonha) é uma música de Juca Chaves, o *Menestrel Maldito*, alcunha criada por Vinicius de Moraes. Crítico contumaz dos políticos, da ditadura militar, da imprensa e do mercado da música, Juca morreu em março deste ano, aos 84 anos. [Bárbara](#), de Chico Buarque e Ruy Guerra, é minha predileta, e não é porque fala do amor entre duas mulheres. É que eu gosto mesmo dela (da música). [Januária](#), é p'ra continuar ainda com o Chico e fazer *maré cheia pra chegar mais perto dela*. [Dora](#), de todas essas lindas e sofridas mulheres é a que mais dança... *mulata clara, monumental, que nem devia ser do bloco, estando ali por gostar de dançar*, como dizia (ou fingia) Caymmi, em viagem solitária a Pernambuco. Laura teve duas lindas homenagens, uma mais antiga de Alcyr Pires Vermelho e Braguinha (João de Barro) que me emociona na voz de [Emílio Santiago](#) (tem mais a ver com Laura, uma de minhas avós, e por ser de sua época). A outra Laura, na voz de [Pery Ribeiro](#), também gosto. É mais moderna (Antonio Carlos e Jocafr). [Ive Brussel](#) teria sido uma paixão belga de Jorge Benjor, ou apenas admiração? Aliás, de quase todas essas músicas quais não foram paixões, para o bem e para o mal? Adoro a cantiga por [Luciana](#) (Edmundo Souto e Paulinho Tapajós). A voz de Evinha, sua principal intérprete, é muito muito parecida com Luciana, uma de minhas sobrinhas. Coincidência ou conspiração? Mesmo quando mudam os nomes, as histórias costumam se repetir. [Isis](#) é uma canção de Benedito Lacerda e Paulo Flores, com final feliz, cantada por Silvio Caldas. É curioso que a única Isis que conheci era lésbica..... Que bom o seu final feliz.....

Valsas são valsas. [Katia](#), de 1940, que o diga... Silvio Caldas cantou-a (Georges Moran e Victor Oliveira). De qual dos dois ela seria? Se é que há alguma mulher que possa ser posse de algum homem. E [Mimi](#), valsa de Uriel Lourival na voz do encantador Carlos José? [Bethania](#) cantou *Anda [Luzia](#)*, outra música de Braguinha. Vale a pena conhecer esse célebre compositor. Chico, sempre Chico, lembra-nos, com Nara Leão, de [Rita](#). E [Nara](#) nem sabia que seu nome, mesmo não sendo a musa (?), viraria música de Erasmo e Roberto Carlos na voz do Roupa Nova, um conjunto que não costuma repetir o que veste. Pixinguinha (ele mesmo, o compositor de [Carinhoso](#)), que muitos diziam que era o ser humano mais perfeito já criado por Deus fez [Rosa](#). Uma declaração de amor a uma mulher que, homenageada, rivaliza com um dicionário daqueles antigos da língua portuguesa, é envolta no mistério de que a letra seria de Otávio de Souza, um certo desconhecido, ou de Candido das Neves, o Índio, compositor da década de 1930, bem mais tido como capaz da façanha. A história se repete sempre com os invisíveis e desconhecidos. De certo modo, estou aqui falando dessas músicas por causa de uma querida amiga, Rosa, da época da faculdade. Éramos as duas meninas maluquinhas que ficávamos horas lembrando músicas com nomes de mulheres. Na época não havia internet, apenas nossos pais, avós, os saraus e serestas que ainda existiam e as mulheres que adorávamos e nos identificavam. Rosa e eu éramos apaixonadas, mas cada uma de nós por outra pessoa. Nossas paixões separadas nos uniam. Quem sabe onde andaré Rosa? Oxalá ela ainda exista para constatarmos juntas, mais uma vez, que todas essas músicas foram feitas por homens....

Segundo Erasmo Silva e o sempre comuna Mario Lago, nunca houve mulher igual a [Gilda](#). Ouvindo com carinho e atenção a Silvio Caldas, não consigo discordar deles. É feminista daquelas que aprecio, sendo eu uma delas. Tantas, tantas, são tantas as mulheres que amo, não só por ser uma delas, mas por ferver com elas em seus amores, sofrimentos, desilusões, decepções... São tantas... [Leonor](#)¹... [Ligia](#)²... [Beatriz](#)³... [Dinorah](#)⁴... [Diva](#)⁵... [Angela](#)⁶... [Aurora](#)⁷... [Izaura](#)⁸... [Emilia](#)⁹... [Maria Rita](#)¹⁰... [Nina](#)¹¹... [Flora](#)¹²... [Gabriela](#)¹³... Nem preciso dizer que essa lista de mulheres amadas é inesgotável. Só quem ama as mulheres, literalmente, corpo e alma, é capaz de amar essas músicas e seus autores e intérpretes. E para não dizer o nome da mulher que estou amando, por ser totalmente secreto, relembro [QUASE QUE EU DISSE](#)¹⁴, a música que se negou a dizer quem era a musa, como nego agora..... ■ ■ ■

[Links](#)

- 1 - Leonor - canta Silvio Caldas (Marino Pinto, Lirio Panicali e Claribalte Passos)
- 2 - Ligia - canta Roberto Carlos (Tom Jobim)
- 3 - Beatriz - canta Ana Carolina (Chico Buarque e Edu Lobo)
- 4 - Dinorah - canta Ivan Lins (Ivan Lins e Vitor Martins)
- 5 - Diva - canta César Costa Filho (Cesar Costa Filho e Aldir Blanc)
- 6 - Angela - canta Raul Seixas (Claudio Azeredo e Raul Seixas)
- 7 - Aurora - cantam Joel e Gaúcho (Mario Lago e Roberto Riberti)
- 8 - Izaura - cantam João Gilberto e Miúcha (Herivelto Martins e Roberto Riberti)
- 9 - Emilia - canta Roberto Silva (Haroldo Lobo e Wilson Batista) e Volta pra casa Emilia (Wilson Batista e Antonio Almeida)
- 10 - Maria Rita - canta João Nogueira (Luiz Grande)
- 11 - Nina - canta Chico Buarque (Chico Buarque)
- 12 - Flora - canta Gilberto Gil (Gilberto Gil)
- 13 - Gabriela - canta Tom Jobim, coral e banda (Tom Jobim)
- 14 - Quase que eu disse - canta Silvio Caldas (Orestes Barbosa e Silvio Caldas)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.